



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (S.P.I.C.)

PELA CRIAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL QUE CONDUZAM OS MOVIMENTOS POPULARES

O Partido Comunista tem lutado e continuará lutando incansavelmente para forjar a unidade de todos os anti-fascistas e patriotas na luta contra a política de traição nacional do governo salazarista. O P.C. tem, por um lado, empregado todos os esforços para intensificar as lutas populares e para realizar nessas lutas a união de todos os trabalhadores, sem distinção de tendências políticas ou crenças religiosas. O P.C. tem, por outro lado, empregado todos os esforços para unir, numa frente única de combate, os grupos anti-fascistas que desejam derrubar o governo de Salazar e assegurar a Liberdade e a Independência. A ideia da unidade ganhou as massas trabalhadoras e muitos sectores anti-fascistas. Mas, para que o movimento de Unidade Nacional se torne num verdadeiro movimento nacional, não basta que a ideia da sua necessidade exista nas consciências: é necessário dar-lhe forma organizada.

A luta dos operários da Covilhã, dos pescadores de bacalhau, das varinas de Lisboa e dos estudantes; as lutas dos operários de Lisboa, as greves em que participaram milhares de trabalhadores numa unidade surpreendente, em que trabalhadores e trabalhadoras, de todas as tendências políticas e religiosas, se acompanharam nas reclamações, nas greves e na prisão; as lutas dos camponeses do Vale do Vouga, esses movimentos de resistência em Macinhata da Selva, Bustelo e Ul contra as requisições de géneros para enviar para o «Eixo», em que centenas de camponeses e camponesas, de várias tendências se acompanharam nas reclamações, nos protestos e na luta contra as forças repressivas da G.N.R.; as lutas das populações da Afurada e de Ribão de Ave, esses movimentos pela instrução em que toda a população, sem distinção de sexo, de profissão, de opiniões políticas ou de crenças, se juntou para exigir a abertura das suas escolas; a luta das hortaliças dos mercados de Lisboa em que, unido-se sem olhar a diferenças políticas ou religiosas, fizeram recuar a Câmara Municipal de Lisboa que tinha lançado novas taxas que agravavam a sua situação;

todos estes movimentos indicam o verdadeiro caminho da luta vitoriosa contra o fascismo, todos eles foram a melhor expressão da Unidade Nacional do povo português na luta pelo Pão e pela Liberdade.

Mas, as razões por que alguns destes movimentos não foram totalmente bem-sucedidos, encontra-se a ausência dum organismo que dirigisse a luta em todas as suas fases.

Dai a necessidade da formação em cada fábrica, emprego, ou companhia, em cada local de trabalho, dum direcção do movimento, direcção essa constituída pelos trabalhadores mais prestigiados

e decididos à luta, quaisquer que sejam as suas ideologias ou crenças religiosas. Nada interessa o nome que esses organismos possam ter. O que interessa é que eles estejam ligados às massas, que encarnem as aspirações e a vontade das massas, que sejam constituídos por elementos honestos e combativos que guiem as massas nas lutas pelas suas reivindicações: na luta pelo aumento dos salários, contra o desconto para o abono, contra os contratos colectivos-burra, contra o aumento das horas de trabalho, etc..

Mas não é só no domínio das lutas reivindicativas das massas operárias que se impõe a necessidade da formação de tais comités ou comissões de direcção. Em todas as frentes de luta contra a exploração corporativista e a política de traição salazarista, a intensificação da luta exige a formação de organismos semelhantes. Para impedir em determinada localidade a partida de vagões carregados para o «Eixo»; para resistir numa povoação às requisições de cereais para defender interesses locais, para exigir a abertura dum escola; para obter condições favoráveis na próxima campanha dos bacalhoiros; — para organizar essas e muitas outras lutas torna-se neces-

sária a constituição de organismos de direcção. Tais organismos de direcção da luta de massas são a expressão orgânica do movimento de Unidade Nacional, são verdadeiros comités de Unidade Nacional, tenham ou não este nome, tenham ou não existência legal, semi-legal ou ilegal.

É NESTE SENTIDO QUE O PARTIDO COMUNISTA FALA NA NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL E QUE NOS, COMUNISTAS, DECLARAMOS DESEJAR COLABORAR NÉSSES ORGANISMOS COM TODOS OS HOMENS HONESTOS E COMBATIVOS, COM TODOS OS QUE QUEIRAM REALMENTE LUTAR PELOS INTERESSES DO POVO PORTUGUÊS.

O segundo aspecto de organização que há a considerar é o da unidade de acção dos grupos anti-fascistas e patrióticos. É absolutamente necessário acabar com a separação e dispersão de esforços que continuam a existir. É necessário constituir um Comité Dirigente da Unidade Nacional que represente realmente todas as forças anti-fascistas e patrióticas e que esteja realmente disposto a lu-

→ continua na pag. 3, 2.ª coluna

Contra os envios para o «Eixo»

A FALTA de géneros agravava-se cada vez mais. Os preços sobem e os ordenados mantêm-se estacionários quando não baixam. Já com custo os trabalhadores conseguem alimentar-se a si e a suas famílias. A miséria assolou os seus lares.

Entretanto, o governo salazarista e os quinta colonistas não param na sua obra de traição nacional de tudo enviar para os carrascos hitlerianos, provocando a escassez e o encarecimento do pouco que vai aparecendo. Durante o mês de Novembro, do a o findo, segundo os dados oficiais do Boletim do Instituto Nacional de Estatística, saíram do país: 8.855 quilos de carne fresca preparada e toucinho; peixe em conserva (atum, sardinha, etc.) 4.480.340 quilos; banha 706 kg.; açúcar 2.766; azeitona 116.646; batata 195.147; queijos 7.174.

Saíram pelo porto de Lisboa 127.773 toneladas de substâncias alimentícias. Saíram ainda 380 toneladas de animais vivos com uma diferença de lucro de entre a importação e a exportação de 18.600\$00. Saíram ainda pelo porto de Vila Real de Santo António 2.490 toneladas de substâncias alimentícias; pelo de Portimão 3.554; Faro-Olhão 4.851; Setúbal 10.490; Leixões 12.484; Porto 30.177.

Isto enquanto o povo morre de fome por não ter e não poder comprar o pouco que aparece. Esta é a principal razão por que os produtos faltam. Quando os grandes açambarcadores não possam enviá-los para o «eixo», quando os géneros sejam vendidos no nosso mercado, a escassez será atenuada em grande parte.

Trabalhadores! Evitai por todas as formas ao vosso alcance, a saída dos géneros para o «eixo», via terrestre ou marítima.

Denunciad esses envios comunicando-nos tudo quanto saibais acerca das exportações para o «Eixo».

Lavradores do Ribatejo

LUTAI PELA CONCESSÃO DE CRÉDITOS, PELA CONSTRUÇÃO DOS VALADOS, PELO DESASSOREAMENTO DO RIO!

Uma vez mais o Tejo galgou os valados dos campos ribatejanos. Uma vez mais os trabalhadores do Ribatejo arriscaram as suas vidas para salvar os bens dos grandes senhores da Lezíria. Uma vez mais os pequenos e médios agricultores ribatejanos assistiram impotentes à destruição das suas colheitas e ao agravamento da sua já tão precária situação económica. E todos os anos esta calamidade se repete lançando essas camadas da população na miséria e na ruína.

A quem se devem atribuir responsabilidades? Só os ingénuos e os que têm interesse em esconder a verdade, as podem atribuir à cheia do rio ou à violência do temporal. Porém, tanto os pequenos e médios agricultores como o proletariado dos campos ribatejanos sabem já, pela sua dura experiência dos anos anteriores, que só o Estado Corporativo, representante dos grandes senhores agrários, e a sua política de depauperamento das pequenas economias nacionais, cabem as responsabilidades da repetição de tal catástrofe. O pequeno e médio campesinato do Ribatejo, arruinado por vários anos de cheia, está numa absoluta dependência das caixas de crédito agrícola, e mais uma vez este ano terá que recorrer a elas, se quiser reconstituir as sementeiras destruídas. Porém

a situação este ano é diferente do passado. Com efeito, como se apresenta o problema aos pequenos e médios agricultores das Lezírias do Ribatejo?

Ou a Hidráulica do Tejo, organismo do Estado, e a Companhia das Lezírias, grande proprietária dos campos, cuidam efectivamente do desassoreamento do rio e da construção dos valados e os pequenos e médios cultivadores poderão encarar com relativa confiança a integridade das suas culturas, ou tudo continua como dantes e nesse caso eles vão cair nas garras do capital bancário, nas garras dos grandes financeiros.

Os pequenos e médios agricultores ribatejanos só por uma luta persistente poderão conseguir que o «Estado Novo» e os grandes proprietários e capitalistas que o conduzem, acudam à sua situação.

Pequenos e médios lavradores do Ribatejo! Exigi do governo a defesa dos campos ribatejanos! Exigi dos grandes senhores agrários da Companhia das Lezírias a protecção das terras que o vosso trabalho tem valorizado! Exigi a concessão de créditos sem juros e amortizáveis a longo prazo!

Camponeses do Ribatejo! Lutai por melhores condições de segurança na lezíria! Lutai por um aumento de salários proporcionalmente ao aumento do custo de vida!

LUTEMOS PELA INSTRUÇÃO!

O GOVERNO fascista de Salazar dificulta por todos os meios a instrução do povo português, procurando assim impedi-lo de compreender a sua política miserável de exploração, domínio e traição.

O estado miserável em que se encontram as nossas escolas, a verba irrisória de 3.316 contos gastos em 1941 com a instrução pública e a percentagem enorme de analfabetos — 60% — são disso uma prova eloquente.

A «política do espírito» do «Estado Novo» de Salazar transforma-se num desinteresse e abandono da maioria das escolas «centros insalubres onde mal entra a luz e o ar e instaladas junto de prostíbulos ou estameieiras».

Há regiões no nosso país onde as crianças têm de caminhar horas, por caminhos ásperos, sob enormes batedeiras de água ou debaixo dum sol ardente, para poderem ir à escola, distante da sua povoação alguns quilómetros e, em muitos casos, mais de uma légua. Outras regiões há, onde centenas e milhares de crianças não recebem a mínima instrução, pela dificuldade material de frequentarem a es-

cola mais próxima, distante dezenas de quilómetros.

Tal é e continuará sendo a «defesa da cultura» do governo fascista de Salazar, se o povo português se não opozer aos seus criminosos desígnios.

O movimento da população da região da Riba de Ave pelo melhoramento da sua escola, que ameaça ruína, indica-nos o caminho a seguir.

A população de Riba de Ave chamou a atenção das autoridades para o estado miserável em que se encontrava a sua escola, mas não foi atendida. Formou-se então um vasto movimento reivindicativo, que mobilizou grandes massas da população, incluindo oficiais, legionários, comerciantes, sacerdotes e operários, e que conseguiu interessar a imprensa do Norte. Este movimento da população de Riba de Ave deve tornar-se num movimento nacional contra o analfabetismo, pela instrução e cultura. Forcemos, pela nossa união, o governo de Salazar a cuidar melhor da instrução do povo.

Procuramos, em massa, as autoridades e a imprensa, exigindo o melhoramento e abertura de novas escolas.

SALVEMOS

Os Anti-fascistas Encarcerados!

No campo de morte do Tarrafal encontram-se os melhores filhos do povo, lutadores abnegados da causa da liberdade, da paz e do pão.

É preciso correremos em seu auxílio, lutando por todos os meios ao nosso alcance para os arrancarmos da tumba dos mortos-vivos, que é a vergonha do nosso país.

Já morreram no Tarrafal duas dúzias dos nossos dedicados lutadores. Lá morreu Beato Gonçalves, secretário geral do nosso Partido, dirigente incontestável do proletariado português. Lá morreu Alfredo Caldeira membro do Comité Central do Partido. Lá morreram também os dois dirigentes do movimento anarquista, Mário Castellano e Januário.

É preciso, pois, correremos a salvar as três centenas de presos que ainda além se encontram, entre os quais há homens como: Francisco Miguel, Carlos Matoso, A. Valdez, M. Alpedrinha, José de Sousa, Gilberto (Spartacus), A. Azeiteiro, Borda, Braz, Guerra, Russel, Álvaro Duque e tantos outros membros destacados do nosso Partido.

Anti-fascistas!

Enviai para os presos do Tarrafal e Angra pequenas encomendas com medicamentos, géneros e tabaco.

Agitai, desde já e sem descanso, junto das pessoas vossas conhecidas a necessidade de protestar pela extinção do campo de morte do Tarrafal e da bastilha de Angra do Heroísmo.

Pela libertação de todos os presos anti-fascistas!

Pela libertação imediata dos presos com as penas terminadas!

continuação da pag. 1, 3.^a coluna
tar contra a política de traição do governo de Salazar, pelo derrubamento do fascismo e pela instauração dum governo democrático de Unidade Nacional. Vencendo todas as dificuldades, todos os desanimados no campo anti-fascista, todos os velhos espíritos de rivalidade, o Partido Comunista lutará infatigavelmente para unir todos os grupos anti-fascistas e patrióticos numa Frente Nacional de luta pela Liberdade e pela Independência.

AVANTE PELA INTENSIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS POPULARES!
AVANTE PELA CRIAÇÃO DE COMITÉS DE UNIDADE NACIONAL QUE CONDUZAM AS LUTAS POPULARES, PELO PAZ, PELA LIBERDADE E PELA INDEPENDÊNCIA!

AVANTE PELA CONSTITUIÇÃO DUM COMITÉ DIRIGENTE DE UNIDADE NACIONAL, QUE REPRESENTAR TODAS AS FORÇAS ANTI-FASCISTAS E PATRIÓTICAS, QUE TRADUZA A UNIDADE DE COMBATE DE TODOS OS GRUPOS E INDIVÍDUOS QUE LUTAM CONTRA A POLÍTICA DE TRAIÇÃO DE SALAZAR E PELA INSTAURAÇÃO DUM GOVERNO DEMOCRÁTICO DE UNIDADE NACIONAL!

continuação da 3.^a pag., 2.^a coluna.
firme, tenaz e decisiva, sem olhar a sacrifícios.

Para que essa luta se torne mais efectiva em Portugal, para que o povo português se possa ver livre definitivamente do fascismo e da ameaça da perda de independência, são necessários os esforços de todos, unidos por uma firme e potente Frente Nacional.

A nossa consigna comum deve ser: UNIDADE! O nosso método comum deve ser: LUTA! (do manifesto do P.C.P.)

POLÍTICA DE TRAIÇÃO NACIONAL

Em Timor Entregue ao Japão

reina o assassinio e o saque

CONTINUA o silêncio criminoso do governo salazarista acerca de Timor. O governo que, fludindo com má fé as conversações com a Inglaterra, recusou a ajuda militar dum país aliado; que depois protestou contra as medidas de defesa australianas e holandesas; que aplaudiu depois a ocupação japonesa aceitando de joelhos a nota insolente do governo japonês (19 de março de 1942); continua a sua política de traição e cobardia, escondendo ao povo português o que se passa em Timor, ocultando os resultados da sua política criminosa.

O jornalista inglês Dickson Brown (que recentemente regressou à Austrália depois de ter estado algum tempo entre os guerrilheiros australianos que ainda resistem aos japoneses na parte portuguesa da ilha de Timor) descreve as violências dos invasores fascistas. Diz ele:

"Pela PERSEGUIÇÃO SISTEMÁTICA AOS PORTUGUESES residentes em Timor, os japoneses levantaram contra si tamanho descontentamento que a maior parte daqueles são francamente anti-nipónicos. O GOVERNADOR DA COLÓNIA, MANUEL ABREU FERREIRA DE CARVALHO, ESTEVE VIR-TUALMENTE PRISIONEIRO NAS MÃOS DOS JAPONESES desde a ocupação de Dilli, em fevereiro, até que em meados de maio se restabeleceram as comunicações com Portugal. Há alguns meses, os japoneses pediram ao governador que publicasse uma proclamação declarando que a administração civil se desmoronara "devido aos tumultos que os australianos provocaram entre a população indígena". O GOVERNADOR RECUSOU-SE a isso, dizendo não se poder insinuar que houvesse tumultos inspirados pelos australianos".

Salazar esconde estes factos ao povo português porque eles são uma acusação contra a sua política traidora. Salazar procura fazer esquecer Timor e ocultar o drama que ali se vive para que o povo não possua estes elementos para o julgar e condenar. Mas não param aí as violências dos invasores japoneses. Ouçamos o que diz o mesmo jornalista:

"Durante a minha permanência no Timor português, PELO MENOS DOIS FUNCIONÁRIOS E DOIS SACERDOTES FORAM BRUTALMENTE ASSASSINADOS por ordem ou instigação dos japoneses. Os sacerdotes efectuavam cerimónias religiosas quando os japoneses chegaram às suas áreas. Juntamente com um mestiço foram imediatamente conduzidos à presença de oficiais superiores japoneses que os interrogaram. O interrogatório andou à volta do "apoio" prestado aos australianos e de informações que os japoneses pretendiam obter acerca daqueles. O mestiço disse que nada sabia e foi imediatamente entregue à hostilidade dos nativos que o mataram à lançada. O primeiro sacerdote declarou não poder revelar qualquer informação, visto não a possuir. Um interrogatório de 5 minutos bastou para os japoneses decidirem que o sacerdote fosse condenado à morte e os nativos de novo fizessem uso das lanças. O segundo sacerdote teve o mesmo destino depois de ter dito aos japoneses que não podia ajudá-los".

Eis como o jesuíta Salazar entende defender o "património colonial" e a "civilização cristã". Funcionários e sacerdotes portugueses são assassinados pelos invasores, mas Salazar, obedecendo a Hitler, aplaude os assassinos japoneses aliados da Alemanha nazi. Salazar não faz um protesto, não tem uma palavra de solidariedade e apoio para os portugueses e timorenses abandonados ao brutal domínio estrangeiro. Salazar, lacaios de Hitler e do fascismo internacional, alegra-se de que Timor esteja transformado num vasto campo de assassinato e de saque.

"Por onde quer que passem em Timor — diz D. Brown — OS JAPONESES DEIXAM ATRÁS DE SI UM RASTO CONSTITUÍDO PELO ASSASSÍNIO DE PORTUGUESES, INCLUINDO PADRES, O RAPTO DE MULHERES NATIVAS, A DESTRUIÇÃO EM MASSA DE COLHEITAS, CASAS, GADO e tudo o que lhes pareça vir a ser útil às forças aliadas. Quando em fevereiro de 1942 os japoneses ocuparam Dilli, a primeira coisa que fizeram foi requisitar mulheres para os prostíbulos que haviam de servir aos soldados japoneses... Não se fizeram sementelhas e os japoneses destruíram a maior parte dos recursos agrícolas permanentes, em especial árvores de fruto. Os porcos, as galinhas e os bois, já foram dizimados".

O drama de Timor deve ser conhecido de todos os portugueses, para que todos possam avaliar devidamente as mentiras, a traição e a cobardia do governo quinta-colunista de Salazar, para que todos possam avaliar a grandeza da ameaça que o governo fascista de traição faz pesar sobre Portugal.

Portugueses! Salazar, o inimigo n. 1 do povo português, Salazar que entregou Timor ao Japão, Salazar que procura tornar Açores e Cabo-Verde postos-avancados hitlerianos no Atlântico, Salazar que prepara a entrega de Portugal a Hitler, perdeu completamente toda a noção do brio e honra nacionais. Exigi uma atitude firme e enérgica para com o Japão fascista que rouba e assassina os portugueses e as populações indígenas de Timor! Exigi o rompimento imediato das relações diplomáticas com o Japão! Escrevei aos ministros e às autoridades acusando-as de traição nacional.

Lutemos unidos pelo derrubamento do governo quinta-colunista de Salazar! Lutemos unidos contra os traidores e vendidos ao fascismo internacional! Lutemos unidos em defesa da independência ameaçada! Avante pela instauração dum governo democrático de UNIDADE NACIONAL!

UNIDADE NACIONAL significa que seja o próprio Povo português a escolher o seu próprio destino. «Do Manifesto do Comité Central do Partido Comunista».

Luta nos países ocupados pela liberdade e independência

A luta dos povos ocupados e escravizados pelo fascismo torna-se cada vez mais intensa à medida que o inimigo vai enfraquecendo. Já aniquilando destacamentos armados, já destruindo comboios e as vias de comunicações, já fazendo toda a espécie de sabotagens, eles provam a firme decisão de lutar, até ao extermínio total do inimigo, eles provam que são verdadeiramente dignos de disfrutar essa independência e liberdade, pela qual lutam sem regatear sacrifícios.

Assim, na Jugoslávia a luta das guerrilhas continua cada vez mais acésa. Há pouco tempo, um jornal fascista, «Lavoro Fascista» era obrigado a confessar, que «cavalaria, tanks e destacamentos de «camisas negras» foram bruscamente atacados por guerrilheiros armados com armas automáticas infligindo pesadas perdas aos italianos. Um grupo de guerrilheiros vestidos com uniformes de «camisas negras» desceu em seguida das montanhas obrigando-os a debandar.

Na Tchecoslováquia, ainda recentemente um grupo de guerrilheiros atacou os poços de petróleo de Bunyavitva, junto de Zagreb, efectuando destruições e matando os guardas e 4 engenheiros alemães. Na Bélgica, nas regiões de Bruxelas, Liège e Mons, as sabotagens sucedem-se frequentemente, especialmente, em vias de comunicações e fábricas de material de guerra.

Quando da exigência por parte da Alemanha da mão de obra francesa para a sua indústria de guerra, os operários franceses protestaram declarando-se em greve nas principais regiões industriais.

Assim, nos importantes centros industriais de Marnaz, Seizonzier e Cluses, os operários de todas as fábricas paralisaram o trabalho. Em Seizonzier e em Cluses as mulheres, das famílias dos operários que deveriam ser inspeccionados antes de partirem para a Alemanha, juntaram-se em massa à entrada das repartições onde se efectuavam as inspeções, impedindo, com a sua obstrução, que os operários entrassem no edifício.

Na Polónia o povo luta também duma forma activa e decidida contra os bárbaros ocupantes. A sua acção é revelada através do número de condenações à morte levada a cabo pelos «tribunais» dos fascistas opressores e assassinos. Segundo o órgão da imprensa da União Soviética as «Izvestia» hoje já ali 170 mil condenações à morte não contando os assassinados nos campos de concentração.

A luta pela independência, pela liberdade e contra o fascismo opressor e assassino, só é possível, com uma vontade

— continua na pág. 2, 3.ª coluna

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Grupo 1001 1.000800	Transporte 1.609850
Santos 5850	N.B. 10800
Rostov 250800	Bodiony 3850
Chico da —	C.V.S. 20800
C.U.F. (2ª) 350800	P.P.P. 50800
P.Q. 5800	Jacobleva 30800
Passionária. 5800	Siuão. 15800
Para que dis- Carlos Pres-	tes 85800
tas 14800	
A Transport 1.609850	Total 1.849800

(*) Este grupo saía anteriormente com o nome de "ELKA".

NOTA: — No número da 2ª Quinzena de Dezembro saiu "Cizanos" em vez de "Cizanotes".

A rubrica «Camaradas de Fábricas AHD», saiu no n.º 24 sem as iniciais (A.H.D.).



GUERRA DE CERCO E DE EXTERMINIO

PROSSIGUE O EXTERMINIO dos prisioneiros fascistas. Dois meses depois de ter começado a grande ofensiva soviética, tinham sido feitos mais de 200.000 prisioneiros e centenas de milhar de mortos. Tinham sido tomados 13.000 canhões e quantidades fabulosas de material de guerra. Tinham sido destruídas as divisões nazis. É a maior derrota militar que os exércitos hitlerianos sofreram desde o início da guerra. A grande ofensiva soviética de inverno está dando ao mundo inteiro a certeza da vitória sobre os assassinos nazis; está enchendo de esperança os povos europeus massacrados pela Nova Ordem hitleriana.

STALINEGRADO E LENINEGRADO: dois símbolos da heroicidade inultrapassável dos povos soviéticos.

As cidades que tem os nomes dos dois grandes guias proletários foram dignas de Lênine e Stáline. Leninegrado e Stalinegrado deram um desmentido sangrento às fanfarronadas dos carrascos do povo alemão. Em Novembro de 1941, Hitler afirmou: — "A cidade de Leninegrado está cercada e ninguém a libertará". Quatorze meses depois, em 18 de janeiro de 1943, as tropas de Meretzkov conquistaram Schtuzelburgo e abriram caminho até se juntarem às tropas defensoras de Leninegrado do general Gorovov. Em Outubro de 1942, Hitler afirmou: — "Stalinegrado será tomada, podéis estar seguros disso".

A 1 de Fevereiro, o comando soviético anunciou o termo da liquidação das 22 divisões hitlerianas cercadas junto a Stalinegrado, o termo da exterminação de 330.000 soldados fascistas, os cobardes massacradores de milhares de mulheres e crianças, os sádicos que ordenam as mais bárbaras torturas contra os cidadãos soviéticos, deixaram já de empregar as pomposas frases anunciando vitórias próximas e nas suas palavras reflecte-se o medo e a desorientação. Quando a intriga internacional impôs à U.R.S.S. a necessidade de afastar o perigo do trampolim final para uma intervenção, os nazis, ocultando as magníficas vitórias soviéticas, apregoaram fracassos do Exército Vermelho. O comodoro Goering afirma agora (30 de janeiro) que "a guerra na Rússia com a Finlândia foi a dissimulação mais habil da história universal". Quando da inventada traição das hordas nazis em 1941, Dietrich afirmou que "a Rússia deixou de existir como um poder militar" e que "os últimos grupos armados russos estão sendo aniquilados". Goering diz agora que "o inimigo dispõe dum material imenso" e fala "nos esforços gigantescos" da União Soviética. Quando da ofensiva do outono de 1941 contra Moscovo, Hitler anunciou que ia ser dado o "golpe mortal" nos exércitos soviéticos. Agora diz que "não podemos esperar que nesta luta gigantesca a Providência nos ofereça facilmente a vitória". Os criminosos chefes nazis prometeram ao povo alemão uma rápida guerra de triunfo e um "espaço vital". Hitler diz agora que "esta luta não poderá haver vencedores e vencidos mas unicamente sobreviventes e aniquilados". Anunciaram vitórias sem fim e agora são obrigados a preparar a Alemanha para "tudo o que nos possa esperar como rejeitos de guerra" (Hitler). Dantes prometeram uma estratégia de vitórias tumultuantes. Agora Dietmar (porta-voz do Alto Comando Alemão) fala dum "estratégia que envolve grandes riscos para nós".

OS BANDIDOS NAZIS, Europa, os assassinos de milhares de mulheres e crianças, os sádicos que ordenam as mais bárbaras torturas contra os cidadãos soviéticos, deixaram já de empregar as pomposas frases anunciando vitórias próximas e nas suas palavras reflecte-se o medo e a desorientação. Quando a intriga internacional impôs à U.R.S.S. a necessidade de afastar o perigo do trampolim final para uma intervenção, os nazis, ocultando as magníficas vitórias soviéticas, apregoaram fracassos do Exército Vermelho. O comodoro Goering afirma agora (30 de janeiro) que "a guerra na Rússia com a Finlândia foi a dissimulação mais habil da história universal". Quando da inventada traição das hordas nazis em 1941, Dietrich afirmou que "a Rússia deixou de existir como um poder militar" e que "os últimos grupos armados russos estão sendo aniquilados". Goering diz agora que "o inimigo dispõe dum material imenso" e fala "nos esforços gigantescos" da União Soviética. Quando da ofensiva do outono de 1941 contra Moscovo, Hitler anunciou que ia ser dado o "golpe mortal" nos exércitos soviéticos. Agora diz que "não podemos esperar que nesta luta gigantesca a Providência nos ofereça facilmente a vitória". Os criminosos chefes nazis prometeram ao povo alemão uma rápida guerra de triunfo e um "espaço vital". Hitler diz agora que "esta luta não poderá haver vencedores e vencidos mas unicamente sobreviventes e aniquilados". Anunciaram vitórias sem fim e agora são obrigados a preparar a Alemanha para "tudo o que nos possa esperar como rejeitos de guerra" (Hitler). Dantes prometeram uma estratégia de vitórias tumultuantes. Agora Dietmar (porta-voz do Alto Comando Alemão) fala dum "estratégia que envolve grandes riscos para nós".

O ULTIMATO SOVIÉTICO para a rendição do 6.º Exército alemão, cercado junto a Stalinegrado, não teve resposta. A 10 de janeiro começou a grande ofensiva de extermínio. O general Kotéikov falou bem claro: — "Quando chegar a hora aniquilaremos este exército apinhado na ratoeira. As condições que agora lhes podemos oferecer é cavar as próprias sepulturas, preparar as próprias cruzes ou renderem-se". Mas Hitler manteve a ignorância da sua verdadeira situação as tropas encerradas. O Alto Comando alemão esperava poder livrá-las do cerco. Duas grandes ofensivas nazis foram lançadas com esse fim e, em 12 de Dezembro, Hitler fez cair manifestos sobre as tropas cercadas, anunciando: Hitler não nos esqueceu. Aguentai-vos. Sereis libertados no dia de Natal. As tentativas desesperadas do Alto Comando alemão com a ajuda de 600 tanques, foram afogadas no sangue dos seus soldados nas derrotas de Koteimkovo e Zimovniki. O destino das tropas cercadas foi implacável. A artilharia soviética martelou dum forma esmagadora a 19 torres empunhadas a morte por Hitler. Cerca de 20.000 soldados fascistas num total de 300.000, as melhores tropas de elite hitlerianas, foram totalmente exterminadas diante da invencível Stalinegrado. Os restantes, contando 13 generais alemães e 5 romenos, foram feitos prisioneiros.

OUTRAS DIVISÕES ESTÃO CERCADAS e condenadas ao to-

tal aniquilamento. Com a conquista de Milerovo, 40.000 nazis ficaram cercados entre o Don e o caminho de ferro Voronej-Kostov. Com a nova ofensiva no sector de Voronej, começada em 27 de Janeiro, depois de em 3 dias terem feito mais de 15.000 mortos e prisioneiros, de causarem aos fascistas mais de 12.000 mortos e prisioneiros e 3 generais, os exércitos soviéticos, que só neste sector desde o início da ofensiva fizeram mais de 100.000 prisioneiros, cercaram mais 7 divisões alemãs e 2 regimentos de infantaria. As tropas fascistas cercadas pelo glorioso Exército Vermelho têm uma alternativa: ou a rendição ou o extermínio como em Stalinegrado.

A CONQUISTA DE TIKHORETZK E DE MAIKOP

representam o princípio do fim da soez hitleriana no Cáucaso. As restantes divisões nazis que se encontram cada vez mais apertadas de encontro à costa do mar de Azov estão em perigo eminente de serem cortadas em dois grupos. As tropas soviéticas que avançam pelas vias férreas que, de Salsk e de Tikhoretzk se dirigem para Kostov, ameaçam cortar a última linha férrea que liga esta cidade com Novorossisk e Krasnodar (ocupadas pelos alemães). A conquista do entroncamento de Kuchicheyka por um termo definitivo a essa ligação. As tropas fascistas que ocupam o importante porto de Novorossisk e o vale do Kuban terão dentro em pouco a única tentativa de salvamento através do estreito de Kerch para a Crimeia. Mas a armada soviética do Mar Negro mostra grande actividade e há notícias de desembarques soviéticos perto do estreito. O avanço sobre Kostov dos exércitos soviéticos que, como um furacão, varreram as tropas fascistas do Cáucaso, venceram os últimos grandes obstáculos e conquistaram os últimos pontos decisivos antes da grande cidade do Don. A reconquista do Cáucaso aproxima-se do seu fim com a derrota esmagadora das hordas fascistas. Entretanto, as tropas fascistas que ainda

NO NORTE DE AFRICA, no outono ameaçavam Alexandria entram na Tunísia depois dum fuga de 1.200 milhas em que foram empurradas pelo 2.º Exército britânico. Os fascistas que ainda há bem pouco tempo dominavam parte do Egipto, a Líbia e a Tripolitânia, e contavam com o apoio da imensa África do Norte italiana, foram reduzidos pela acção anglo-americana à testa do porto da Tunísia. As Conferências de Casablanca (14 e 24 de Janeiro) anunciam a preparação de novas ofensivas em 1943 "atacando o inimigo com o máximo de potencial que puderam, nos pontos melhor escolhidos" com o "fim primordial de retirar, tanto quanto lhes for possível, dos exércitos russos o enorme peso de guerra que a Rússia suporta com tanto ao longo de toda a sua frente terrestre". A iniciativa passou para as mãos dos Aliados e estes mostram-se dispostos a conservá-la. As negociações de Casablanca fazem prever que os Aliados abrirão a 2.ª Frente. A abertura da 2.ª Frente junta ao potencial ofensivo do Exército Vermelho será o princípio do fim da Nova Ordem hitleriana na Europa.

É NOSSA TAREFA, de todos os anti-fascistas e homens progressistas de Portugal, de todos os patriotas e homens honestos, de contribuir para o triunfo da União Soviética e seus aliados e para a derrota de Hitler e de todos os Gósslings e Lavats. Como disse Stáline em 6 de Novembro, "o programa de acção da coligação anglo-soviético-americana é: anulação da exclusivismo racial; igualdade das nações e inevitabilidade dos seus territórios; libertação das nações escravizadas e restauração dos seus direitos soberanos; direito de cada nação resolver as suas questões como desejar; auxílio económico às nações que sofreram e assistência para o seu bem-estar material; restauração das liberdades democráticas; destruição do regime hitleriano". O triunfo da coligação anglo-soviético-americana é para o povo português uma garantia da sua liberdade e para Portugal uma garantia de sua independência. O triunfo do nazismo representaria a continuação dos anos negros de miséria e opressão que temos vivido sob o fascismo, representaria a rapina, a colonização, a servidão de Portugal pelas hordas assassinas hitlerianas.

AUXILIAR A U.R.S.S. E ALIADOS e uma tarefa que se impõe a todos os portugueses que não são nazis. Não podemos efectivar esse auxílio impedindo por todos os meios as exportações para o "Eixo". Denunciando e prejudicando os negócios 5.ª colunista. Exigindo a dissolução imediata da Legião e da PVDE. Lutando contra o governo pró-hitleriano de tração nacional de Salazar. Não podemos efectivar esse auxílio constituindo um potente movimento de Unidade Nacional, derrubando o fascismo e restaurando um governo democrático da Unidade Nacional, que defenda a liberdade e a independência do

Portugal, que dê a Portugal um lugar de honra ao lado da U.R.S.S. e dos Aliados, ao lado daqueles que dão as suas vidas para banir o sangrento praga do fascismo assassino da face da Terra.